

TRANS VERSO

**09 Desobedecer o capital, sonhar o
sol: a desobediência e esperança
na imaginação de futuros possíveis**

recebido em 15/10/2025
aprovado em 15/11/2025

Desobedecer o capital, sonhar o sol: a desobediência e esperança na imaginação de futuros possíveis

Luana da Rocha Sousa

luana.gsousa@ufpe.br

Universidade Federal do Pernambuco

Auta Laurentino

auta.laurentino@ufpe.br

Universidade Federal do Pernambuco

RESUMO (PT): O artigo propõe uma reflexão entre o conceito de *desobediência tecnológica*, formulado por Ernesto Oroza, e o imaginário *Solarpunk*. A partir do contexto cubano, compreende-se a desobediência tecnológica como prática material forjada pela escassez e pela autonomia técnica popular, que possibilita uma relação não alienante com a tecnologia. Já o *Solarpunk* é entendido como movimento estético e especulativo que imagina futuros sustentáveis e coletivos, pautados pela integração entre ser humano e natureza. Ao aproximar uma prática concreta e uma estética fabulatória, o texto busca pensar modos de relação com a técnica que escapem à lógica do capital. A convergência entre esses dois campos evidencia a esperança, a imaginação e a desobediência como forças políticas e pedagógicas capazes de inspirar outros futuros possíveis.

Palavras-chave: desobediência tecnológica; *solarpunk*; esperança; tecnologia; futuro.

ABSTRACT (ENG): This article reflects on the relationship between Ernesto Oroza's concept of technological disobedience and the Solarpunk imaginary. Based on the Cuban context, technological disobedience is understood as a material practice forged by scarcity and popular technical autonomy, enabling a non-alienated relationship with technology. Solarpunk, in turn, is conceived as an aesthetic and speculative movement that imagines sustainable and collective futures grounded in the integration between human beings and nature. By bringing together a concrete practice and a fabulatory aesthetic, the text seeks to explore ways of relating to technology that escape the logic of capital. The convergence between these two fields highlights hope, imagination, and disobedience as political and pedagogical forces capable of inspiring other possible futures.

Keywords: technological disobedience; *solarpunk*; hope; technology; future.

1. Introdução

O mundo que habitamos atualmente está acabando. Como aborda Nancy Fraser (2022), a crise ecológica, causada pela lógica extrativista e expansionista do capital, anuncia futuros apocalípticos: futuros de fim do mundo. Mesmo os modelos científicos mais otimistas indicam caminhos de degradação ambiental e social alarmantes. A reversão desse quadro exige uma ruptura com dinâmicas que estão nos fundamentos da sociedade capitalista. Assim, repete-se a frase de abertura: o mundo que habitamos está acabando.

Embora os produtos da Quarta Revolução Industrial já façam parte do cotidiano, isso não significa que tenhamos intimidade com esses artefatos. A lógica da produção contemporânea dificulta, ou mesmo impede, reparos autônomos. Mesmo quando o reparo é tecnicamente viável, o custo da substituição de peças induz ao descarte, perpetuando a lógica da obsolescência. Dessa forma, os artefatos técnicos tornam-se caixas-pretas, opacos e misteriosos para o consumidor comum. É evidente, portanto, que nossa relação com as novas tecnologias é colonizada pela cultura do consumo, centralizadora e alienante. Essa cultura promete emancipação, mas entrega dependência, obsolescência e exploração, tanto do ser humano quanto da natureza.

A Quarta Revolução Industrial, tema discutido por Schwab (2016), prometeu abrir um mundo de possibilidades a partir da popularização de tecnologias como impressoras 3D e internet. No entanto, essas esperanças são continuamente frustradas, não pela ineficiência dessas criações, mas por estarem inseridas em uma estrutura capitalista cuja lógica entra em contradição direta com a sustentabilidade dos ecossistemas terrestres e com a própria lógica da vida na Terra (Fraser, 2022).

O futuro é incerto, mas virá, de um jeito ou de outro. No momento em que estamos, cabe a nós criá-lo. A ficção, a fantasia e a arte são ferramentas que, desde os tempos mais remotos, orientam a humanidade, permitindo criar e transformar realidades (Han, 2023). Em uma sociedade em que ciência e tecnologia estão presentes no cotidiano, a ficção científica se torna um gênero particularmente relevante. Dentro dela, existem movimentos especulativos variados, que oscilam entre visões pessimistas e otimistas sobre o futuro.

Como exemplo de visões pessimistas, pode-se citar o *Cyberpunk*, gênero presente em diversas obras da cultura pop, como o filme *Blade Runner*. No outro extremo, destaca-se o *Solarpunk*, movimento estético mais recente que busca construir um imaginário de futuro mais esperançoso. Ambos apresentam críticas semelhantes à sociedade capitalista, mas se desenvolvem de formas distintas: o *Cyberpunk* configura-se como um alerta, enquanto o *Solarpunk* representa um sonho, um futuro ainda possível de ser alcançado.

Observa-se, portanto, uma diferença significativa entre a maneira como a ficção especula nossa relação com a tecnologia e a forma como essa relação se reproduz materialmente. Há uma autonomia no mundo fictício que não existe no mundo concreto para a maior parte das pessoas, em virtude do modo de produção alienante discutido brevemente nesta introdução.

Entretanto, é possível observar, em casos reais como o de Cuba, o desenvolvimento de relações com objetos técnicos distintas daquelas presentes na cultura hegemônica capitalista. O pesquisador e artista Ernesto Oroza desenvolveu o conceito de *desobediência tecnológica* para explicar essa relação dos cubanos com os artefatos técnicos. Essa prática emergiu diante da escassez imposta à ilha pelo embargo econômico dos Estados Unidos, que limitou o acesso a grande parte dos produtos industrializados. Diante disso,

a população cubana precisou encontrar soluções criativas para consertar, reutilizar e adaptar os objetos disponíveis às suas necessidades.

Este artigo propõe colocar em diálogo o conceito de *desobediência tecnológica*, entendido como prática material forjada pela escassez e pela autonomia técnica popular em Cuba, com o imaginário *Solarpunk*, compreendido como fabulação crítica de futuros alternativos. Ao aproximar uma prática concreta e uma estética especulativa, busca-se refletir sobre modos de relação com a tecnologia que escapam à lógica irracional do capital e da alienação técnica, abrindo brechas para imaginar e, talvez, construir outros futuros possíveis.

2. Desobediência em contexto: Ernesto Oroza, a gambiarra modular como autonomia e resistência sob a escassez

Cuba vive há mais de 60 anos sob embargo econômico, comercial e financeiro dos Estados Unidos. A medida, agravada por sanções a países que tentem estabelecer relações comerciais com a ilha, tem como objetivo principal sufocar a Revolução Cubana, isolando política e economicamente a nação. Por ser uma ilha localizada a aproximadamente 200 km da Flórida (estado norte-americano), Cuba é marcada historicamente por tentativas de controle imperialista, assim como outras nações caribenhas – como é o caso, por exemplo, de Porto Rico, que pertence aos Estados Unidos, mas não é um estado americano. Tal embargo prolongado gera uma escassez crônica de diversos produtos, principalmente os industrializados.

Em especial durante a crise que se instalou em Cuba após a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética (forte aliada política e comercial), a escassez de produtos industrializados se aprofundou. Nesse contexto, o povo cubano precisou desenvolver soluções técnicas criativas para minimizar os impactos. Por exemplo, se uma geladeira quebra por conta de uma peça específica, esta pode ser substituída por outra que desempenhe a mesma função em um artefato diferente; essa adaptação é feita com naturalidade. É essa relação que Oroza (2012) entende como desobediência tecnológica. O povo cubano não vê os objetos técnicos de forma opaca e misteriosa, pois, por necessidade, precisou conhecê-los, dissecá-los e estudá-los. Diante da escassez, formou-se uma cultura do reparo, da modificação e da adaptação – das gambiarras.

Ao abrir corpos com tanta frequência, o cirurgião se torna insensível à estética da ferida, ao sangue e à morte. E esta é a primeira expressão de desobediência entre os cubanos em sua relação com os objetos: um crescente desrespeito à identidade do produto, bem como à verdade e à autoridade que a identidade impõe. Ao abri-los, repará-los, fragmentá-los e usá-los conforme sua conveniência, eles acabaram descartando os signos que fazem dos objetos ocidentais uma unidade ou identidade fechada. (Oroza, 2012, n.p.).

Um coração deixa de ser apenas um coração e se torna a parte essencial do corpo que bombeia sangue para todo o organismo. Assim, ao compreender intimamente as funcionalidades dos objetos, é possível pensar em como reconstruí-los de forma criativa e engenhosa, caso a necessidade apareça. Dessa forma, o povo cubano não é alienado em relação aos seus objetos. Tais artefatos são recolocados em sua posição originária, voltando a ser ferramentas. Se algum objeto pode ser usado para consertar outro mais necessário, assim o será – em pedaços ou inteiro.

É como se o indivíduo na ilha não tivesse a capacidade de ver os contornos, articulações e signos que semioticamente compõem "o objeto" e, em vez disso, enxergasse apenas um conjunto de materiais disponíveis que são utilizados em qualquer emergência. (Oroza, 2012, n.p.).



Figura 1: Podemos chamar o que vemos na figura como motocicleta, porém, é feita com madeira, guidom de bicicleta, além de pneus de tipos diferentes. Fonte: <https://www.technologicaldisobedience.com/2021/07/26/rikimbilis-2021>.



Figura 2: Um veículo que inicialmente era uma bicicleta tradicional, com a adição de um motor. Fonte: <https://www.technologicaldisobedience.com/2021/07/26/rikimbilis-2021>.

Os artefatos, quando pensados dessa maneira, podem gerar maior autonomia aos indivíduos que os manuseiam e recusam o papel alienante que assumem nas sociedades capitalistas. Assim, quando apropriada criticamente, a tecnologia pode se tornar uma ferramenta para a libertação democrática. A gambiarra, nesse sentido, caracteriza-se também como uma apropriação crítica da técnica.

A desobediência tecnológica permite que os cubanos compreendam os artefatos técnicos de forma semelhante à metodologia *Atomic Design*. Essa metodologia, popular no campo do design, integra o processo de produção de produtos digitais e físicos. O produto é pensado de modo modular, gerando maior adaptabilidade e eficiência. O povo cubano pensa seus objetos de maneira análoga, mas a partir de uma origem que reaproveita peças já produzidas, em um contexto em que não há preocupação com o lucro, apenas com a funcionalidade.

Exemplos de iniciativas como o *Fairphone* – startup holandesa que produz um celular de fácil reparo e busca se opor à prática da obsolescência programada –, procuram desenvolver alternativas menos agressivas ao planeta em comparação ao modo de produção hegemônico. No entanto, é essencial evidenciar as limitações que o impacto dessas iniciativas pode trazer. Tendo em vista que opera dentro do capitalismo, a empresa necessariamente seguirá a lógica expansiva do capital, eventualmente esbarrando nos limites ecológicos e entrando em contradição com a vida na Terra.

Também é possível relacionar esses fenômenos com a economia circular, ao considerarmos que esse modelo propõe o uso racional e responsável dos recursos naturais. Tanto na desobediência tecnológica quanto na economia circular, observa-se que a lógica linear de produção e consumo se torna obsoleta. Pensar de forma racional sobre os recursos disponíveis no planeta Terra conduz a uma lógica semelhante à que tanto o povo cubano quanto empresas como o *Fairphone* praticam. Em Cuba, o fenômeno constitui uma resposta popular e de resistência ao cerco imposto pelo imperialismo norte-americano. Já o *Fairphone* representa uma resposta do capitalismo verde – limitada, mas da qual é possível extrair aprendizados importantes quando se pensa em produção industrial com qualidade e tecnologia.

A prática da desobediência tecnológica reaproxima o fazer técnico com o cotidiano. Tal prática pode, inclusive, ser impulsionada pelas novas tecnologias surgidas na Quarta Revolução Industrial, possibilitando que essas inovações alcancem seu potencial de fato revolucionário. Como foi apontado no início do texto, essa potência é castrada pela lógica de maximização de lucro capitalista. Porém, se forem inseridas em contexto como o cubano, podem de fato trazer experiências interessantes, tanto em uma perspectiva técnica quanto estética. É importante sonhar com o que a humanidade pode atingir a partir dessas novas possibilidades criativas, e por isso pensar na relação de práticas materiais com fabulações especulativas se faz importante.

3. Solarpunk como prática artística especulativa e possivelmente pedagógica

Como mencionado anteriormente, o *Solarpunk* é um movimento artístico inserido no gênero da ficção científica que se apropria de elementos ecológicos com o objetivo de especular e disputar os imaginários futuristas (Johnson, 2020). O *Solarpunk* também subverte a relação humana com a ciência e a tecnologia, rejeitando suas manifestações que representam ameaças ao

equilíbrio ecológico da vida na Terra. Assim, constrói uma fabulação de futuro em que a lógica que orienta o avanço tecnológico é voltada para o desenvolvimento integrado entre ser humano e natureza – e não para o lucro enquanto expressão do princípio expansionista do capital.

O movimento artístico não é homogêneo, e seus autores exploram o gênero a partir de diferentes perspectivas. Muitas narrativas se situam em mundos em transição, nos quais a disputa por um futuro de harmonia ainda persiste. De modo geral, contudo, pode-se reconhecer como traço definidor a especulação ficcional de futuros em que, mesmo em meio a conflitos, a esperança permanece como afeto mobilizador central (Johnson, 2020). O termo *Solarpunk* evoca simultaneamente a energia solar (sendo a representação principal das energias renováveis) como alternativa às matrizes fósseis e o sol como imagem de um recomeço – a promessa de que outro futuro ainda pode nascer. Essa denominação também se constrói em diálogo com o *Cyberpunk* (como exemplo visual pode se observar a Figura 4): enquanto este funciona como alerta sobre os efeitos da degradação ambiental e social decorrentes do avanço tecnológico em uma sociedade capitalista, na qual ciência e técnica são subordinadas ao capital (Sá Barreto, 2016), o *Solarpunk* se propõe como resposta, imaginando futuros em que tecnologia e ciência se integram à vida. Nesse sentido, o movimento surge como uma iniciativa de imaginar alternativas a um destino que, de outra forma, pareceria inevitável.



Figura 3: Mulher de cabelos curtos e rosa, segurando uma espada. No fundo da imagem podemos observar uma cidade à noite, com prédios altos e muitas luzes neons. Há fiações que parecem ser postes de energia aos pés da mulher, o que pode indicar que ela está em algum lugar alto. Fonte: <https://www.cyberpunk.net/us/pt-br/cyberpunk-2077>.

A estética do *Solarpunk* não é homogênea, mas em muitas obras – como é o caso da campanha publicitária da empresa de alimentos Chobani, fonte das Figuras 4 e 5 –, observa-se uma notável influência modernista, na qual os artefatos tecnológicos apresentam design minimalista e funcional. Linhas limpas, superfícies lisas e a predominância do branco ou de tons neutros evocam a crença modernista na racionalidade técnica e no progresso ordenado. Como se observa na Figura 4, a campanha da Chobani representa visualmente um futuro limpo e organizado, no qual natureza e valores estéticos hegemônicos da cultura corporativa coexistem de maneira harmônica, sugerindo uma integração sustentável que não rompe com a lógica do mercado. Já na Figura 5, a presença da mãe e da filha reforça a ideia de sustentabilidade da reprodução social e dos cuidados, dimensão que, como discute Fraser (2024), entra em contradição com a lógica capitalista orientada pela extração e pela expansão contínua.

Essa linguagem visual, hoje amplamente apropriada por marcas como a Apple, traduz o ideal de eficiência e pureza historicamente associado ao avanço tecnológico. Na publicidade da Chobani, ao unir paisagens rurais idílicas a elementos de tecnologia solar e design minimalista, reforça-se a imagem de um futuro sustentável que não necessariamente rompe com a lógica de mercado, mas a reinscreve de modo palatável e esteticamente agradável. O *Solarpunk* propõe uma crítica ao sistema capitalista e à sua relação extrativista com a natureza, mas, como se percebe nas referências visuais que o constituem, carrega a herança de um imaginário de futuro ainda fundamentado nos valores do capitalismo industrial – um futuro limpo, eficiente e branco.



Figura 4: Um dia ensolarado em um campo onde podemos observar uma vaca, deitada, relaxada, e vários painéis que parecem ser de energia solar. Há uma vegetação que se enrosca nos painéis. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=z-Ng5ZvrDm4&t=1s>.

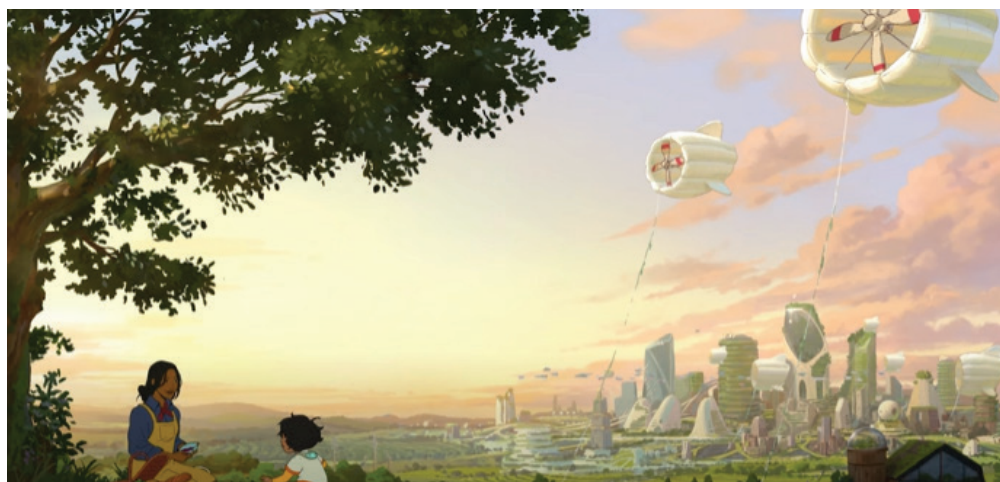


Figura 5: Uma mulher e uma criança brincam embaixo de uma árvore. Podemos ao fundo uma cidade, com prédios muito altos, e vegetação integrada na arquitetura. Balões com hélices na parte de dentro, que parecem ser geradores de energia eólica. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=z-Ng5ZvrDm4&t=1s>.

É justamente nesse ponto que a estética engendrada pela desobediência tecnológica surge como alternativa fértil aos futuros imaginados pelo *Solarpunk*. O reparo, a gambiarra e o “caótico” talvez se alinhem muito mais aos ritmos da natureza do que a organização e a eficiência idealizadas

pela racionalidade moderna, pois operam segundo uma lógica de circularidade. Nessa circularidade, a funcionalidade emerge da resiliência e da criatividade – forças que, ao improvisar com o que há, abrem as portas para futuros possíveis.

Por isso, aproximar o *Solarpunk* de fenômenos concretos como a desobediência tecnológica é um gesto conceitualmente fecundo. O futuro que o movimento imagina pode tanto perpetuar os valores estéticos estabelecidos pela sociedade capitalista – e, assim, reproduzir as contradições do seu próprio modo de produção –, quanto nascer da ousadia de inventar uma nova visualidade, ecológica e coletiva. Essa segunda possibilidade se inspira em práticas de resistência popular, em que a criatividade e a resiliência transformam a escassez em potência, projetando outras formas de habitar, construir e sonhar o mundo.

A esperança que permeia o movimento *Solarpunk* dialoga diretamente com conceitos freirianos. Para Paulo Freire, a esperança – entendida como sonho e horizonte –, constitui condição indispensável para a ação prática e política. Assim, o *Solarpunk* projeta alternativas ao colapso, imaginando formas de convivência mais justas entre seres humanos e natureza. A desesperança, ao contrário, é imobilizadora: paralisa e leva à aceitação de um futuro catastrófico como inevitável, “em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo” (Freire, 1992, p. 13). O sonho, por sua vez, atua como resistência ao fatalismo; como todo desejo, ele impulsiona para a ação. Freire ressalta, contudo, que a esperança isolada não vence batalhas, sendo necessário que esteja sempre ancorada na prática.

Como não basta ao operário ter na cabeça a ideia do objeto que quer produzir. É preciso fazê-lo. A esperança de produzir o objeto que quer produzir é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. (Freire, 1992, p. 48).

O *Solarpunk*, então, se propõe a ser uma construção estética e imaginativa de um futuro possível – uma forma de esperança que nasce da arte e da brincadeira, combatendo o cinismo presente em outros movimentos da ficção científica. Como dito anteriormente, o *Solarpunk* se encaixa nesse local onde é possível visualizar a recriação do mundo. As fabulações literárias e visuais possibilitam imaginar de forma mais palpável a construção de futuros de vida. Dessa forma, disputando as subjetividades do presente na esperança de combater a desesperança e o desencanto paralisadores do presente.

A produção da emancipação social, espaço no qual nenhuma força será mais oprimida e no qual a igualdade real enfim se realiza, passa pela renovação dos laços sociais através da capacidade de novas partilhas produzidas pelo poema, pela capacidade que o poema teria de chamar por uma terra e um povo que ainda não existem. (Safatle, 2024, p. 16).

A reflexão de Safatle aprofunda esse horizonte esperançador ao situar a arte como mediadora da emancipação. O autor (2024) discute com cautela o potencial estético na emancipação dos povos, problematizando em diversos momentos a idealização desse conceito. É evidente que a arte, por si só, não é transformadora, mas constitui tal ferramenta de visualização e criação de narrativas que acompanha a humanidade desde as pinturas rupestres (Gombrich, 1950). Em outros momentos históricos, podíamos identificar de forma clara como o criar artístico contribuía para narrativas coletivas, fixando memórias e estabelecendo um senso de identidade.

Na modernidade, o fazer artístico passou a ser regido pela lógica do capital, como quase todos os outros fazeres. Essa transformação, que converte a arte em mercadoria converge com o conceito de crise da narrativa, debatido por Byung-Chul Han (2023), que identifica um afastamento do sujeito de suas raízes culturais e históricas, agravado pela alienação que o desconecta das dinâmicas sociais do trabalho.

A contribuição que Safatle (2024) faz para esse debate é essencial, já que podemos entender de forma mais aprofundada como se deu o afastamento do que vemos como arte (em seu entendimento hegemônico) do cotidiano da vida humana, e quais são as consequências disso. Mais do que um diagnóstico, Safatle discute sobre repensar as condições de produção da arte e suas possíveis reintegrações à experiência comum. O *Solarpunk* é interessante por ser justamente a proposição de um sonho coletivo para a humanidade, que chama por essa terra e esse povo que ainda não existem. Por uma nova forma de inventar, de relacionar tecnologia e natureza. Uma nova cultura.

Seria o caso de nos despedirmos dessa experiência estética, dessa mistificação social, isso em prol de uma arte mais colaborativa, que 'não se inquieta mais em se distinguir das culturas populares através da originalidade de sua língua'. Arte que possa ser apreendida por todos, sendo assim uma experiência mais democrática e menos hierárquica. Contra certa "abstração" presente nessas estratégias de autonomia estética, haveria de encontrar formas de realismo saudável democrático. (Safatle, 2024, p. 18).

A crítica feita a abstração se dá pela despolitização dos debates artísticos que se manifesta enquanto consequência, ao distanciar o criar artístico do cotidiano da classe trabalhadora. Essa crítica tem muito espaço para diálogo e problematização, porém esse artigo não tem o objetivo de fazê-lo. Abstrações, fabulações e processos imaginativos são ferramentas de explorar novas maneiras de pensar e imaginar mundos, mas para atingir seu potencial é necessário que se paute debates relevantes para o cotidiano e sobrevivência da nossa classe. Dessa forma, o "realismo" do *Solarpunk* está na sua vontade de encarar diretamente uma das grandes contradições do nosso momento histórico: o colapso climático.

É nesse contexto que o conceito de Fabulação Especulativa, desenvolvido por Donna Haraway, amplia o debate sobre a potência política da criação. Esta forma de experiência criativa do movimento *Solarpunk* pode ser descrita enquanto fabulação especulativa (*Speculative Fabulation*), e é explorada pela autora Donna Haraway em seu livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2023). Na forma de sigla, o termo em inglês SF designa, ao mesmo tempo, *Speculative Fabulation*, bem como *Science Fiction* (Ficção Científica), *Scientific Fact* (Fato Científico) e *Speculative Feminism* (Feminismo Especulativo).

Em seu livro, a autora se apropria da sigla SF como um conceito que engloba todos os outros ao mesmo tempo, pois eles se complementam mutuamente. Nas suas palavras: "Fato científico e fabulação especulativa necessitam-se mutuamente, e ambos precisam do feminismo especulativo" (Haraway 2023, p. 11). Quando a autora, mesmo no título do livro, fala de ficar com o problema, ela entende esses processos de criação e fabulação artística enquanto formas de explorar e refletir a respeito das principais contradições que vivemos atualmente como consequências da sociedade capitalista. "SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes; é uma figura para continuidade no Chthuluceno" (Haraway, 2023, p. 11).

Esse conceito nos permite compreender o *Solarpunk* não apenas como um movimento artístico, mas como a prática de SF – um exercício recriador de mundos através do confronto com o real. A ficção e a fantasia são linguagens do inconsciente. Não representam uma fuga da realidade, mas formas de articular medos, desejos e outros afetos de maneira mais leve do que a racionalidade. Ursula K. Le Guin – importante referência da ficção científica e da fantasia –, afirma, em seu texto *The child and the shadow* (1971), que o grande instrumento do bem moral é a imaginação. Nesse sentido, brincar, imaginar e sonhar não configuram escapismo, mas possuem valor pedagógico, transformador e, citando Paulo Freire, possivelmente esperançador.

4. Conclusão

Este artigo buscou relacionar o conceito de desobediência tecnológica de Ernesto Oroza com o imaginário do movimento artístico *Solarpunk*. Ao aproximar uma prática concreta de resistência material, forjada na escassez cubana, de uma estética especulativa que projeta futuros sustentáveis e coletivos, procurou-se refletir sobre modos de relação com a técnica que escapem à lógica irracional do capital, e como elas podem operar de forma a convergir para encarar o colapso climático.

No caso da desobediência tecnológica de Oroza, se estuda o ato político por trás da reparação de objetos pelos cubanos. Ao dissecar as “caixas-pretas” tecnológicas se pôde desenvolver um sentido de resistência ao imperialismo, soberania popular e a tentativa de desenvolver soberania tecnológica (apesar da escassez resultante do cerco estadunidense).

Já o *Solarpunk* se coloca enquanto um movimento artístico regido pela esperança que tenta, através da sua Fabulação Especulativa, propor o que pode ser uma sociedade que supera (ou tenta) suas amarras ao Capital. Que se orienta pela lógica da vida, humana e não humana. O movimento tenta funcionar, não como uma fuga da realidade, mas sim como uma construção de uma estética visual e política de futuros. As paisagens “utópicas” imaginadas pelo movimento são também exercícios de uma imaginação política.

A análise mostrou que tanto a experiência cubana, quanto a fabulação *Solarpunk* convergem em um ponto central: a afirmação da autonomia, da criatividade e da esperança como forças de enfrentamento à desesperança presente no momento histórico atual. Se em Cuba a desobediência tecnológica emerge como necessidade prática de resistência contra um império, resultando na escassez, no *Solarpunk* a esperança se manifesta como horizonte estético e pedagógico capaz de mobilizar pessoas e inspirar a ação.

Essa aproximação sugere que imaginar futuros alternativos não é mero exercício escapista, mas sim gesto político e pedagógico. Ao pensar na experiência material e fabulação estética, podemos vislumbrar caminhos de resistência que desconstroem a alienação técnica e reafirmam a potência criadora dos povos.

Que a rebeldia, a esperança e a imaginação – pontos convergentes de Cuba e o *Solarpunk* –, nos guiem na construção dos futuros por vir!

Referências

CHUL-HAN, Byung. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal**: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

JOHNSON, Isaijah. “Solarpunk” & the Pedagogical Value of Utopia. **Journal of Sustainability Education**, v. 23, 2020. Disponível em: https://www.susted.com/wordpress/content/solarpunk-the-pedagogical-value-of-utopia_2020_05/. Acesso em: 3 jul. 2025.

LE GUIN, Ursula K. The child and the shadow. **The Quarterly Journal of the Library of Congress**, v. 32, n. 2, p. 139—148, 1975. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/29781619>. Acesso em: 4 jul. 2025.

OROZA, Ernesto. **Desobediencia tecnológica**: de la revolución al revolico. 2012. Disponível em: <https://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SÁ BARRETO, Eduardo. Marx contra o otimismo tecnológico: economia ‘imaterial’ desmistificada e desdobramentos para as questões ambientais. **Nova Economia**, v. 26, n. 1, p. 97—122, 2016. DOI: 10.1590/0103-6351/2182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/neco/a/k7gKDTnS4NvYCXXqDgyNYzj/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SAFATLE, Vladimir. **Em um com o impulso**. São Paulo: Autêntica, 2022.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Geneva: World Economic Forum, 2016.